

## Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?

Vanina Costa Dias<sup>1</sup>

<sup>1</sup>*Faculdade Ciências da Vida, MG, Brasil*

Daniela Teixeira Dutra Viola<sup>2</sup>

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil.*

Patricia da Silva Gomes<sup>2</sup>

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil.*

Nadia Laguardia de Lima<sup>2</sup>

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil.*

Natalia Fernandes Kelles<sup>2</sup>

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil.*

Candida Rosa da Silva<sup>3</sup>

<sup>3</sup>*Faculdade de Nova Serrana, MG, Brasil.*

**Resumo:** Os adolescentes estão cada vez mais conectados às redes sociais, especialmente com o surgimento dos dispositivos digitais móveis. O uso intenso desses aparelhos pelos jovens tem gerado preocupação nos pais, familiares e educadores. Orientadas pela psicanálise, compreendemos a adolescência como um tempo lógico de elaboração simbólica do real da puberdade, trabalho psíquico que requer o desligamento da autoridade dos pais e a inserção no laço social. Nas sociedades tradicionais, a passagem da vida infantil para a vida adulta conta com marcadores sociais estabelecidos, como os ritos de passagem, que auxiliam a inclusão do jovem na comunidade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a rarefação dos referentes simbólicos dificulta essa transição do espaço familiar para o grupo social mais amplo. Assim, buscamos, neste artigo, empreender uma discussão teórica relacionando os riscos na internet com os ritos de passagem no tempo lógico da adolescência. Como apoio para esta reflexão, utilizamos fragmentos de conversação realizada com adolescentes. Consideramos que, na atualidade, os impasses dessa operação de passagem se exprimem pela profusão de atos de caráter sacrificial que a juventude apresenta, contando com o papel decisivo da visibilidade proporcionada pelas tecnologias digitais.

**Palavras-chave:** Adolescência, Riscos, Ritos de Passagem, Psicanálise, Redes Sociais.

---

## Teens in the Network: Risks or Rites of Passage?

**Abstract:** Adolescents are increasingly connected to social networks, especially with the appearance of mobile devices. The intense use of such devices has generated worry for parents, family and educators. Guided by psychoanalysis, we understand that adolescence is a logical time of subjective elaboration of “the real” of puberty, psychic work that requires the detachment of parental authority and insertion into the social environment. In traditional societies, the passage from childhood to adult life has established social markers, such as rites of passage, which help to include the young person in the community. In contemporary western societies, the rarefaction of symbolic references creates difficulties for that transition from the family space towards the general social group. Therefore, we intend in this article to undertake a theoretical discussion that relates the risks on the internet with the rites of passage in the logical time of adolescence. In support of this reflection, we used fragments of the Methodology of the Conversation with adolescents. We consider that, at present, the impasses of this operation of passage are expressed by the profusion of sacrificial acts that the youth presents, counting on the decisive role of the visibility provided by digital technologies.

**Keywords:** adolescence; risks; rites of passage; psychoanalysis; social networks.

## Adolescentes en la Red: ¿Riesgos o Ritos de Paso?

**Resumen:** Los adolescentes están cada vez más conectados a las redes sociales, especialmente con el surgimiento de los dispositivos digitales móviles. El uso intenso de estos aparatos por los jóvenes ha generado preocupación en los padres, familiares y educadores. Orientadas por el psicoanálisis, comprendemos la adolescencia como un tiempo lógico de elaboración simbólica de lo real de la pubertad, trabajo psíquico que requiere el desligamiento de la autoridad de los padres y la inserción en el lazo social. En las sociedades tradicionales, el paso de la vida infantil a la vida adulta cuenta con marcadores sociales establecidos, como los ritos de paso, que auxilian la inclusión del joven en la comunidad. En las sociedades occidentales contemporáneas, la rarefacción de los referentes simbólicos dificulta esa transición del espacio familiar al grupo social más amplio. Así, buscamos, en este artículo, emprender una discusión teórica relacionando los riesgos en Internet con los ritos de paso en el tiempo lógico de la adolescencia. Como apoyo para esta reflexión, utilizamos fragmentos de conversación realizada con adolescentes. Consideramos que en la actualidad los impases de esa operación de paso se expresan por la profusión de actos de carácter sacrificial que la juventud presenta, contando con el papel decisivo de la visibilidad proporcionada por las tecnologías digitales.

**Palabras clave:** adolescencia; riesgo; ritos de paso; psicoanálisis; redes sociales.

### Introdução

No mundo contemporâneo, a internet ocupa um lugar preponderante na vida humana. Trata-se de uma tecnologia que se incorporou de tal forma ao modo de vida das sociedades atuais que já não nos imaginamos vivendo sem ela. O ambiente virtual introduz mudanças em praticamente todos os setores sociais e culturais, inaugurando uma nova linguagem, possibilitando diferentes modalidades de relação entre as pessoas e alterando as formas tradicionais de acesso e de transmissão do conhecimento.

A plasticidade que envolve a noção de identidade é ricamente explorada pelos jovens no ciberespaço, que podem experimentar e desempenhar diferentes papéis, inserindo-se em variados grupos virtuais. A própria percepção da realidade é afetada pelo uso constante das tecnologias da imagem. Para crianças e adolescentes, essas tecnologias digitais representam muito mais que simples instrumentos de comunicação e informação, elas proporcionam um espaço de afirmação subjetiva.

Uma das preocupações dos pais e educadores na atualidade está voltada para os riscos aos quais crianças e adolescentes estão expostos no ambiente virtual. A ampla repercussão na mídia do crescimento de grupos fechados que incitam os jovens ao suicí-

dio, por exemplo, tem despertado forte angústia nos pais, gerando uma série de questionamentos sobre os usos que os jovens fazem das redes sociais. A utilização cada vez maior dos aparelhos móveis – *tablets* e *smartphones* – pelos jovens dificulta a mediação ou o acompanhamento, por parte dos pais, das diferentes formas de uso que os filhos fazem da internet.

Como sugere Livingstone (2010), os usos destes aparelhos podem abranger as formas de contato, de conteúdo e de conduta. Entre os principais problemas que chamam a atenção de especialistas e pesquisadores nessa área estão experiências que incluem diversas formas de acessos a conteúdos inadequados, como pornográficos, discriminatórios e de ódio, os contatos potencialmente nocivos, como casos de aliciamento ou assédio, e a conduta problemática, como casos de *cyberbullying* e de invasão de privacidade.

Orientadas pela psicanálise, compreendemos a adolescência como um tempo lógico de elaboração simbólica. Trata-se de uma resposta singular ao real da puberdade, isto é, um tratamento subjetivo do que emerge com a maturação orgânica no corpo e escapa ao sentido. Tal trabalho psíquico, que requer o desligamento da autoridade dos pais e a inserção no laço social, corresponde à construção de

um saber fazer com isso que acomete o corpo do jovem sujeito. Em vista dessa perspectiva, surgiu o seguinte questionamento: qual a relação existente entre adolescência, risco e internet? Partimos da hipótese de que as condutas de risco na internet estão articuladas à função dos ritos na adolescência. Essa hipótese provém da escuta de adolescentes nas escolas, da leitura de textos psicanalíticos sobre adolescência e de autores da antropologia e das ciências sociais que analisam os ritos de passagem nas culturas tradicionais. Para dar início a esta discussão, faremos um breve panorama do cenário atual sobre os riscos na internet a partir do material obtido pela pesquisa TIC *Kids On-line*<sup>1</sup>.

### Desenho de um cenário nacional

A pesquisa TIC *Kids On-line* revela que o uso da internet proporciona às crianças e adolescentes tanto oportunidades de se desenvolver e sociabilizar como situações geradoras de risco. Segundo Ponte (2012), para analisarmos os aspectos relacionados aos riscos e oportunidades associados ao uso da internet, é preciso atentar para três posições das crianças e adolescentes nessa prática cotidiana: em primeiro lugar, como receptores dos conteúdos que são disponibilizados na internet tanto pela indústria da mídia como pelos próprios usuários que compartilham seus sites e vídeos; outra posição adotada é aquela na qual os usuários se colocam como participantes em contato com desconhecidos que lhes convidam para fazer parte de sua rede; e, finalmente, como atores na relação com seus pares, ou seja, amigos e colegas de escola, aproximando os contatos ou mesmo gerando situações de conflito entre eles.

Quando se atenta para os riscos que as crianças e adolescentes podem vivenciar na internet, a preocupação da pesquisa TIC *Kids* se volta, principalmente, para aqueles que se colocam na posição de receptores. A análise dessa situação tem como objetivo descobrir quais conteúdos da internet são, para esses sujeitos, capazes de incomodar, chatear ou aborrecer outros da mesma idade, em seu cotidiano *on-line* e *off-line* (Dias, 2016). Por se tratar de temas sensíveis e difíceis de mensurar por meio de questionários estruturados,

as informações sobre esses aspectos são obtidas pela pesquisa TIC *Kids* através de formulários de auto-preenchimento, propiciando mais privacidade ao sujeito no momento da entrevista e permitindo a abordagem de temas como exposição à pornografia e *bullying*, entre outros.

Entre as diversas respostas está o *bullying*, prática que se multiplicou nas redes sociais e em outros sites (36% ao longo dos anos da pesquisa TIC *Kids*). São classificadas como prática de *bullying* respostas relacionadas a “ameaças”, “contar mentira sobre a minha pessoa”, entre outras. Conteúdos relacionados à pornografia, como vídeos ou imagens de sexo, são relacionados por 17% das crianças e adolescentes. “Imagens de violência” e “maltrato a pessoas” são classificados como conteúdos de violência real, sendo 11% dos casos citados como algo que incomoda as crianças e adolescentes. Conteúdos impróprios para a idade (8%) e conteúdos de terror fictício (7%), entre outros, também aparecem na relação de situações que são capazes de incomodar o jovem. Quando questionados sobre as experiências vividas por eles, 27% dos adolescentes afirmam que alguma pessoa agiu de forma ofensiva ou que lhes chateou nos últimos 12 meses. Desses, 15% afirmam que essa situação ocorreu na internet, e, nesse percentual, destaca-se as mensagens de ódio (21%), os gestos de autoagressão (13%) e os conteúdos relacionados ao suicídio (9%) (Barbosa, 2015).

Um aspecto considerável observado pela pesquisa TIC *Kids* é o percentual elevado de crianças e adolescentes que já tiveram contato na internet com alguém que não conheciam pessoalmente: 29% respondem positivamente. Além disso, 13% afirmam que já se encontraram pessoalmente com uma pessoa que conheceram na internet, principalmente entre os adolescentes de 15 a 17 anos (19%). Eles também relatam contato com conteúdos inadequados. Entre aqueles de 11 a 17 anos, 21% tiveram contato com mensagens de ódio contra pessoas ou grupos, enquanto 15% falaram ou compartilharam experiências sobre o uso de drogas. Também chama a atenção que, entre o total de entrevistados, 14% acessaram sites que apresentavam métodos para emagrecer nocivos à saúde. Esse

<sup>1</sup> A pesquisa TIC *Kids On-line*, desenvolvida pelo Centro Regional de Estudos para o desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), tem o objetivo central de mapear possíveis riscos e oportunidades *on-line* desde 2012, gerando indicadores sobre os usos que crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade fazem da Internet, analisando aspectos sobre a percepção de jovens em relação à segurança *on-line* e delineando práticas de mediação de pais e responsáveis relacionadas ao uso da Internet.

tipo de prática é maior quando atentamos para a diferença de sexo, tendendo a ser maior entre as meninas (21%) (Barbosa, 2015).

Esse desafio metodológico da pesquisa TIC *Kids On-line*, que explora temas tão delicados para os adolescentes, vem apontando que os fatores de risco estão presentes no cotidiano desses usuários de internet de alguma maneira, e são cada vez mais constantes à medida que aumentam a frequência e a privacidade do uso. Nesse sentido, é importante também entender o papel da família, da escola e de outros adultos, que devem exercer, junto às crianças e adolescentes, uma mediação instrutiva do uso da internet a fim de reduzir os riscos aos quais esses sujeitos estão submetidos.

Como percebemos, o *bullying* está entre os temas mais citados pelos jovens como capazes de incomodar, chatear ou aborrecer crianças e adolescentes da mesma idade. Mas é preciso ter em conta que, sob a égide dessa palavra, encontramos as mais variadas situações compartilhadas pelos adolescentes na internet, como imagens de violência, mensagens racistas, de maltrato a pessoas, entre outras. Os adolescentes são tanto agentes quanto vítimas dessas práticas virtuais.

Diversos fatores contribuem para o crescimento dessas manifestações na internet e fora dela. Destacamos, dentre outros, as transformações sociais que levaram ao declínio da autoridade, como vetor social e relacional, a intensificação do individualismo moderno associado à cultura do consumo, a desvalorização dos ideais sociais coletivos e a proliferação e a banalização de imagens e vídeos de violência através das mídias digitais.

O papel da mídia no crescimento da violência nas escolas públicas e privadas não pode ser desprezado, havendo uma estreita e consolidada relação da sociedade com as diversas mídias. Raros são os momentos e os lugares em que os cidadãos contemporâneos estão privados de estabelecer algum tipo de vínculo com qualquer gênero de veículo midiático e a escola não se furta desse momento. A mídia tem atuado não apenas como um difusor de informação, mas também como um propagador de modelos, um fornecedor de materiais pelos quais os indivíduos se inserem nessa sociedade contemporânea.

Conforme pesquisa desenvolvida por Njaine e Minayo (2003), as situações de violência nas escolas envolvem agressões verbais por parte de professores e funcionários, entre os próprios alunos e destes con-

tra os educadores. Segundo as pesquisadoras, há uma interação constante com a mídia sobre os instrumentos e as formas de violência no cotidiano. A intensa atuação da mídia tradicional e da internet tem propiciado o crescimento da “cultura do medo”, devido à exposição diária de casos violentos, de forma que todos passam a acreditar que estão inteiramente vulneráveis ao fenômeno da violência em diversos espaços, sejam eles urbanos ou mesmo os virtuais. Identificar a função do elemento midiático na difusão de sentimentos de medo e insegurança vividos cotidianamente é importante para reconhecer que se trata de uma questão que afeta, de forma desigual e injusta, diferentes grupos societários e principalmente crianças e adolescentes. E como afirma Silverstone (2009):

É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária para a produção e manutenção do senso comum (p. 20).

A internet é um meio de comunicação individual e coletiva, de informação e formação em redes infinitas de conhecimentos. Mas, como salienta Gomes (2004), os efeitos dessas influências nem sempre repercutem positivamente. De um lado, porque as pessoas estão expostas a um conjunto de informações que nem sempre conseguem decodificar e incorporar a seus comportamentos. De outro, porque veem ampliado o espectro de suas possibilidades de conhecimento e de escolha sem condições muitas vezes de fazer essas escolhas, quer por suas condições psicológicas, quer por condicionantes socioeconômicos. A mídia e a internet, via de regra, não exercem, em nossa sociedade, as funções sociais que lhe estariam reservadas. Ao contrário, priorizam o incentivo ao consumo e exercem, sobre os jovens, influências que não só os tornam consumidores, como também os alienam da realidade em que vivem, por vezes transmitindo-lhes normas e ideologias do sistema socioeconômico e cultural que pretendem preconizar, tornando-se, portanto, instrumentos do mundo dos adultos.

A homogeneização dos estilos de vida leva à preferência por signos normativos, reforçando um imaginário de igualdade que conduz à segregação daqueles que se apresentam como diferentes ou deficitários (gordos, sem roupas de marca, imigrantes, homosse-

xuais, entre outros) (Goldenberg, 2011). No caso do *bullying*, a violência praticada contra aqueles considerados diferentes é dirigida ao olhar de um público. De fato, o *bullying* envolve sempre um ternário, formado pelo(s) agressor(es), pela(s) vítima(s) e pelo grupo de espectadores (Goldenberg, 2011). Existe, pois, um cenário envolvendo esse tipo de violência, o que mostra a importância do olhar reforçador do grupo. Esse olhar reforçador do espectador é potencializado pela internet, como vemos nas práticas do *cyberbullying*.

As redes sociais têm constituído um desafio para a sociedade, pois se infiltram em todos os segmentos da vida, como o espaço familiar, educacional, social e político. A entrada na adolescência coincide, hoje, com o ingresso nas comunidades virtuais, como forma de inserção social. No entanto, como vimos, as redes não são utilizadas pelos jovens apenas para socialização, lazer, comunicação e acesso à informação. Elas também servem à prática de violência e à segregação social (Lima et al., 2015). A intolerância e a violência estão cada vez mais presentes na internet e seus efeitos são nefastos sobre suas vítimas, pois palavras e imagens ofensivas se expandem no espaço virtual de forma incontrolável. Crianças e adolescentes, por estarem em processo de formação, são mais vulneráveis a esse tipo de violência (Lima et al., 2015).

Também é preciso atentar para uma característica das próprias mídias sociais que, ao mesmo tempo em que possibilitam controlar o público com o qual compartilhamos nossas informações, são projetadas para ampliar a acessibilidade, o que lhes dá a característica de rede rizomática, facilitando o compartilhamento para além do público com o qual se deseja interagir. Esse aspecto pode oportunizar consequências danosas para os adolescentes, quando os mesmos se aventuram em práticas arriscadas para além da internet (Dias, 2016). É preciso compreender os motivos que levam crianças e adolescentes a se comportarem de forma arriscada na rede, avaliando como essas práticas podem “produzir sentidos e valores, testemunhando a resistência ativa dos jovens e de suas tentativas de estar no mundo” (Le Breton, 2009, p. 33).

### **A conversação como metodologia de pesquisa**

Desenvolvemos um projeto de pesquisa e intervenção em escolas públicas que tem como objetivos principais investigar os usos que os adolescentes

fazem das redes sociais e proporcionar um espaço de questionamentos e reflexões visando alcançar a responsabilização pelo agir e pelas palavras nesse ambiente virtual. As intervenções são feitas a partir de uma demanda da escola. Utilizamos, como metodologia, a conversação de orientação psicanalítica.

A conversação como dispositivo clínico foi elaborada por Jacques Alain-Miller nos anos 1990, sendo posteriormente introduzida como metodologia de pesquisa em diversas instituições onde há a aplicação da Psicanálise. O uso desse dispositivo como metodologia de pesquisa no campo da educação teve seu início a partir das experiências do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança (CIEN), em julho de 1996 na França, cujo objetivo era abrir um campo de investigação ao diálogo da psicanálise com outros discursos que incidem sobre a criança (Miranda, Vasconcelos & Santiago, 2006). A proposta das conversações é a criação de espaços de fala onde há associação livre coletivizada (Miller, 2003), com os aspectos subjetivos privilegiados e a alteridade dos participantes preservada. Assim, todos têm voz e podem expressar suas opiniões. A aposta é que, a partir da circulação da fala no grupo, novas perspectivas e possibilidades sejam produzidas e propiciem a reflexão, apontando para novas saídas diante de situações conflituosas e angustiantes para os sujeitos (Lima et al., 2014).

### **Adolescência: riscos ou ritos de passagem?**

Na tentativa de compreender os riscos a que os jovens se submetem na internet atualmente, examinamos, com o suporte da Antropologia, a função dos ritos de passagem na adolescência. Conforme Le Breton (2013), nas sociedades tradicionais os jovens não vivenciam a lacuna temporal característica da adolescência na cultura ocidental moderna – lacuna em que o sujeito não tem mais as referências da infância nem conta ainda com os norteadores da vida adulta. Nesse lugar, essas sociedades instituem os ritos de passagem entre a infância e a maturidade social, quando o jovem chega a uma posição ativa e responsável na comunidade e tem acesso a saberes atribuídos a essa posição, transmitidos pelos antepassados.

Segundo Deluz (1999), os ritos de passagem permitem que os jovens assumam algo que os ultrapassa, o corpo social. Essa mudança de posição é sinalizada das mais diversas formas nas diferentes

sociedades. Em muitas culturas, é marcada por uma única cerimônia, que, quando terminada, passa-se de uma idade a outra. Nesses casos, a adolescência dura o instante dessa cerimônia. No final, a criança torna-se um homem ou uma mulher, de acordo com as indicações culturais próprias a cada sexo. Em outras sociedades, essa passagem pode durar meses ou anos, em modelos que vão desde uma sucessão de ritos até longos períodos de errância de caráter iniciático. Apesar da variabilidade da passagem à idade adulta encontrada na diversidade das sociedades tradicionais, percebe-se que esses modelos têm em comum uma temporalidade pautada pela tradição, de maneira que os jovens não ficam à deriva num tempo lacunar, mas sim atravessam de uma idade a outra no andamento definido pela cultura (Viola, 2016).

Nas sociedades hipermodernas, não há rituais capazes de conduzir essa transição, que se dá de forma gradual. A heterogeneidade dessas sociedades contribui para referências mais vagas e imprecisas e para a longa permanência dos adolescentes numa fase lacunar. Le Breton (2013) demonstra que os ritos de passagem das sociedades tradicionais operam o balizamento dessa transição, como marcadores, elementos da tradição que garantem aos jovens uma margem de manobra limitada. Ou seja, nas sociedades tradicionais, as orientações para existir e localizar-se na comunidade são fornecidas pelo laço social. Os ritos de iniciação têm o caráter de modificação radical do estatuto e do sentimento de identidade dos iniciados, que ascendem a um saber superior e a um novo *status* social. Como eventos que assinalam uma morte simbólica, os ritos asseguram a transmissão social e o reconhecimento do sujeito pelo grupo, como também demarcam a diferenciação entre homens e mulheres.

Em muitos casos, esses rituais são caracterizados por provações físicas dolorosas e por marcas no corpo, como circuncisões, perfurações, tatuagens, retirada de dentes e cabelos, amputações, etc. Le Breton (2013) ressalta a função da dor física e da marca na pele, como agentes de metamorfose que precipitam a mutação social e provocam a mudança de identidade. A frequência e a incidência desses rituais direcionados para a transformação dos corpos revelam o pertencimento do corpo do jovem ao corpo coletivo como sendo uma particularidade importante dessas sociedades.

Os ritos estão relacionados à revelação de um saber. Por meio deles, os antepassados transmitem aos jovens dados fundamentais para a comunidade, o que autoriza o acesso às responsabilidades de adulto. Os mesmos valores são transferidos entre as sucessivas gerações. A tradição é a engrenagem dessas sociedades, em que se perde a dimensão do indivíduo, eclipsado pelas normas coletivas. Como consequência, a transição da infância à maturidade ocorre dentro de parâmetros estreitos.

Assim, o grupo garante a “eficácia simbólica” dessa operação, conforme o conceito de Lévi-Strauss (1996) que pressupõe, a partir de observações de ritos do xamanismo, a assimilação psíquica de algo impossível de ser significado, mas que é experimentado no corpo. Há uma assimilação simbólica que consagra o pertencimento ao laço social e a determinado sexo, por meio de marcas corporais específicas determinadas pelos ritos. Nessa operação simbólica, o rito imprime uma marca no corpo do jovem como insígnia do valor de uma vida para a coletividade (Le Breton, 2013).

Freud (2014) comenta sobre os ritos de passagem em sociedades que chama de “primitivas”. Ao exemplificar as representações simbólicas do pênis em diversos contextos, ele alude a ritos da puberdade que representam a castração. Afirma que a primeira escolha objetual do ser humano é, em regra, incestuosa, daí a necessidade das mais severas proibições para impedir que essa propensão infantil persistente se realize. Desse modo, interpreta os ritos da puberdade das sociedades tradicionais a partir de uma chave de leitura que considera universal, o complexo de Édipo.

Na obra *O mal-estar na civilização*, Freud (2010) retoma o tema dos ritos da puberdade num contexto que trata do vínculo e da divergência entre o amor e a civilização. O vínculo é inequívoco, porém, o amor se opõe aos interesses da cultura, e esta o ameaça com restrições. Essa divergência tem origem no conflito entre a família e a comunidade mais ampla a que pertence o indivíduo. Um dos principais empenhos da civilização consiste em juntar os indivíduos em grandes unidades, as comunidades, mas a família não quer ceder o indivíduo, de maneira que quanto mais forte o vínculo entre seus membros, maior a dificuldade em se afastar desse grupo e se dirigir ao círculo mais amplo da vida. Essa passagem entre um grupo e outro ocorre geralmente na adolescência, o que leva

Freud a afirmar que “a separação da família torna-se para todo jovem uma tarefa, na solução da qual a sociedade com frequência o ajuda por meio de ritos de puberdade e iniciação” (p. 66-67).

A leitura freudiana endossa a concepção de uma eficácia simbólica garantida pelos ritos de passagem da puberdade. Nas sociedades tradicionais, as cerimônias de representação da castração como punição do incesto estabelecem balizas claras que sinalizam a travessia de um ponto a outro, configurando para o jovem seu reconhecimento no laço social como membro da tribo. Trata-se de uma forma chancelada de endereçamento ao Outro, que tem, como consequência, a abertura de acesso a novas dimensões do saber (Viola, 2016).

Freud (2010) não restringe sua análise dos ritos da puberdade às culturas que chama de “primitivas”, mas a estende ao que aponta como a “tarefa” do jovem: a separação da família com o endereçamento à sociedade. Nessa perspectiva, os ritos têm a função de orientar o jovem nessa tarefa, de tomá-lo pela mão nesse percurso, como indica a ideia de uma “ajuda” por parte da sociedade. Ainda que essa função possa ser estendida à época de Freud, sua eficácia simbólica já não é a mesma das sociedades tradicionais. Com a passagem para as sociedades modernas, com o enfraquecimento paulatino e crescente da tradição como elemento fundamental da cultura perde-se, gradualmente, o valor simbólico desses rituais, que assumem cada vez mais um caráter imaginário, pois o que prevalece é a reprodução da imagem transitória de uma adolescência estereotipada, em convenções sociais que oscilam conforme os modismos. Os ritos atuais não conseguem intervir como delimitadores do gozo que irrompe na puberdade, pois não há intervenção nos corpos proveniente do laço social. Nos tempos do “cada um por si”, o adolescente tem que lidar com o gozo à sua maneira, com um corpo que é só seu. Os ritos só obtêm uma eficácia simbólica nas sociedades tradicionais porque os corpos não pertencem aos indivíduos, mas sim à coletividade.

Na adolescência ocidental que se configura desde a modernidade, não há como balizar o que se passa entre um ponto e outro desse intervalo de tempo. Diferentemente das sociedades tradicionais em que o corpo do jovem pertence ao corpo coletivo e é entregue à comunidade no momento do rito para ser manipulado e transformado, nas sociedades modernas o

corpo do adolescente está à deriva, vulnerável a um gozo que não é suficientemente contido. Esse corpo é constantemente testado em seus limites, nas condutas de risco, nas adições e na exploração ilimitada da sexualidade (Viola, 2016).

Ao atentarmos para a forte tendência dos adolescentes da contemporaneidade a marcar o corpo, constatamos que muitos buscam conter o gozo com traços dolorosos (tatuagens, *piercings*, incisões e escarificações) em tentativas de imprimir na pele um marco delimitador. Essas marcas têm como função bordejar o corpo e podem constituir o suporte de uma singularidade na adolescência (Costa, 2003). Todavia, muitos desses atos não garantem a eficácia simbólica tal como nos rituais de passagem tradicionais, de modo que não são eficientes em estancar o gozo que toma esses corpos.

### **Adolescência, rito e sacrifício**

Na maior parte das sociedades tradicionais, a adolescência transcorre sem o impacto de grandes intempéries afetivas, sem as expressões notáveis da angústia e dos conflitos que marcam a adolescência ocidental e que se potencializam na sociedade contemporânea (Mead, 2001). Na ocasião da puberdade, os jovens entregam-se ao corpo coletivo, num rito de iniciação que representa um sacrifício no próprio corpo, realizando, assim, o endereçamento ao Outro, em ato. Com isso, o Outro se institui como detentor do corpo do sujeito, chancelando a entrada do jovem na idade adulta. Segundo Costa (2003), o ato de sacrifício e a cultura sempre andaram juntos. “O sacrifício restabelece um elo entre cultura e natureza impossível tanto de quebrar, quanto de representar sua origem. É impossível de quebrar, na medida em que o corpo de cada indivíduo é a sede mesma desse elo” (p. 71).

Lacan (2005) aborda o tema do sacrifício para respaldar sua teoria do objeto *a*, como parte cortada do corpo, que “presentifica uma relação com a separação como tal” (p. 235). O engajamento do ser falante na cadeia significante implica a extração de “algo de separado, algo de sacrificado” (p. 242). Reportando-se à teoria do dom, de Mauss (2003), Lacan (2005) observa como o tema do sacrifício da “libra de carne” está inserido no pacto social. Essa elaboração desemboca na função da zona erógena, parte do corpo em que a libido bordeja o objeto *a*.

O fato de, no nível dos ritos de iniciação, o lábio ser algo que pode ser simbolicamente perfurado ou esticado, triturado de mil maneiras, nos fornece também a referência de que estamos realmente num campo vivo, e reconhecido desde longa data nas práxis humanas (p. 255).

Vislumbramos, assim, o vínculo entre o rito de sacrifício na puberdade, um “rito de iniciação”, e a perda de gozo necessária para o posicionamento do sujeito na sexualidade adulta e no laço social, na medida em que o corte incide precisamente sobre uma zona erógena. Lacan (1998) ainda associa as formas de manipulação dos corpos de caráter sacrificial à materialização da libido no ato de entalhe do corpo. Esse corte promove uma perda de gozo. Vale lembrar, aqui, a importância que Freud (2011) atribui à libido em sua análise da relação dos indivíduos com os grupos sociais. O objeto *a* e a libido estão relacionados ao que bordejia a hiância, daí o caráter erótico que os atos de marcar o corpo geralmente têm, pois são formas de dar corpo a algo inapreensível, de fazer borda no corpo (Viola, 2016).

Seguindo com Lacan (1998), nesse mesmo contexto são introduzidas as noções de alienação e separação, as articulações fundamentais do sujeito com o Outro. A alienação é a primeira operação em que se funda o sujeito. Ao aparecer no campo do Outro, o sujeito é eclipsado pelo sentido, desaparecendo como ser. Trata-se de uma forma excludente de relação com o Outro, que envolve uma “escolha forçada”. O autor observa como a alienação perpassa a vida social e pode implicar um “fator letal” (p. 201), em formas de relação com o Outro que conduzem ao sacrifício da própria vida.

A operação de separação, por sua vez, condiz com a divisão do sujeito e decorre da capacidade de interpelar o desejo do Outro, apontando, assim, a falta no campo do Outro. Com isso, o sujeito se constitui como clivado. A incompletude do Outro é o que vai balizar o sujeito na experiência do discurso. Fecha-se a “causação do sujeito”, constituindo-se uma estrutura de borda, um limite entre o sujeito e o Outro que viabiliza o balizamento do sujeito na linguagem. Diferentemente da função de exclusão da alienação, na separação a lógica é de interseção – a interseção da falta do sujeito com a falta que ele reconhece no Outro.

Essas orientações são essenciais para nosso enfoque dos ritos da puberdade e da função do sacrifício. Nos rituais tradicionais, oferece-se uma “libra de carne” como forma de completar o Outro. Esse ato apazigua a angústia, pois garante a existência do Outro. Se este é incompleto, cabe a cada sujeito sua restauração. Diante da precariedade do Outro, insuportável para certos sujeitos, o sacrifício é um modo de encobrir a falta no Outro, de velar sua inconsistência.

Relacionamos as práticas sacrificiais dos ritos tradicionais à operação de separação (Viola, 2016). Uma “libra de carne” é extraída e entregue ao Outro, garantindo sua consistência. Ou seja, o ato do sacrifício opera uma perda de gozo necessária à chancela do Outro, ao efetuar a interseção de duas faltas: a falta no sujeito, materializada pelo corte no corpo, vai encobrir a falta no Outro. Trata-se de uma operação simbólica, como evidencia a noção antropológica de “eficácia simbólica”. Essa operação institui o sujeito como apto à idade adulta, ao pacto social e à vida sexual, sob a ratificação do Outro, que lhe atribui uma marca e um novo nome.

Considerando que Lacan (2005) localiza no momento da puberdade a “maturação” do objeto *a*, compreende-se que a dimensão da falta e da perda de gozo está necessariamente implicada na operação adolescente, independentemente da realidade social, dado que o despertar pubertário diz respeito a uma universalidade da condição humana. Dessa forma, a passagem adolescente não pode prescindir desse “sacrifício”, que nas sociedades tradicionais é efetuado sob o comando do Outro. Diante disso, como pensar essa operação para a adolescência ocidental contemporânea?

De saída, reconhecemos sua complexidade, que a chamada “crise” da adolescência vem designar desde os tempos modernos de Freud. Na atualidade, os impasses dessa operação se exprimem pela profusão de atos de caráter sacrificial que a juventude apresenta: a entrega ao risco de morte e à errância, o abuso das drogas, a mortificação dos corpos pela via dos distúrbios alimentares, a manipulação dos corpos através de incisões, escarificações, automutilações, de toda uma vasta gama de intervenções, geralmente dolorosas. No entanto, diferentemente dos ritos das outras culturas, esses atos não garantem um efeito apaziguador. Pelo contrário, eles geralmente são acompanhados por intensa angústia.



Por conseguinte, associamos as modalidades de sacrifício observadas na adolescência ocidental à alienação, visto que, em vez de instituir o sujeito no Outro, esses atos estão mais próximos do que provoca o desaparecimento do sujeito. Para além do drama individual dos jovens que se submetem à “escolha forçada” de uma mortificação do próprio corpo, a lógica do sacrifício se apresenta em sua versão mais radical e nefasta no mundo contemporâneo numa dimensão que também concerne, de modo dramático, à adolescência. Trata-se da entrega dos corpos, e, muitas vezes, da vida, por parte de tantos meninos e meninas, à causa do “Terror” (Lacan, 1998, p. 202), que se ramifica nas diversas formas de apresentação do Outro como instância obscura, tirânica e de inexorável consistência.

Para Ambertín (2010), a prática sacrificial traz consigo uma armadilha mortal: se o sujeito cai sob a fascinação do sacrifício, já não é mais possível aplacar as exigências do Outro, que passa a oprimir para além de todo o pacto firmado. Com isso, abre-se caminho para a intrusão do supereu e para a reinstalação da angústia. Essa vertente do sacrifício nos remete ao que Lacan (1998) enuncia acerca do “Terror” e tange a um problema crucial da adolescência contemporânea. Para esse autor, o “fator letal” da alienação corresponde à “escolha forçada” entre a liberdade e a morte – a escolha do escravo, que, ao escolher a liberdade, escolhe a liberdade de morrer (p. 202). Ao abordar a adolescência contemporânea, Miller (2015) também alude a essa forma alienante, degradada e nociva de apelo ao Outro, que ele chama de “realidade imoral do Outro do complô”. Tal realidade pode ser aferida, por exemplo, pelas estratégias de convocação dos jovens utilizadas pelo terrorismo, que geralmente têm lugar na internet.

A adolescência, conectada ao discurso, varia substancialmente nos diversificados sistemas sociais, conforme a história e os territórios. Compreendemos essa diferenciação a partir da ideia lacaniana de uma operação que articula o sujeito ao campo do Outro pela mediação da falta. O objeto *a*, ao ser extraído, é um excedente necessário para a sustentação do laço social. No entanto, quando não se dá sua extração, mas sim sua presentificação, o sujeito se aliena no Outro e pode sucumbir a um gozo desmedido. Nas sociedades modernas e hipermodernas, o tratamento do gozo se dá pela via da segregação, o que tem como consequência

um Outro mais hostil, pouco propício a amparar o sujeito e a responder a seu apelo. Isso traz grandes dificuldades para a adolescência nesse contexto social (Viola, 2016).

Na contemporaneidade digital, esse sacrifício do corpo muitas vezes é substituído por um sacrifício virtual. Considerável parte dos jovens se vale de suas vivências na internet – quer em jogos, quer na interação virtual com desconhecidos – como modos de estar em risco, seja um risco real ou não. Que lugar essas experiências ocupam na passagem adolescente contemporânea? É possível localizar aí alguma forma de rito próprio à adolescência atual?

### **Conversando com adolescentes sobre redes sociais**

A partir dessa discussão teórica sobre os riscos aos quais os adolescentes estão expostos nas redes sociais e sobre a importância constitutiva dos ritos na adolescência, apresentamos uma reflexão sobre o trabalho que realizamos desde 2013 com alunos de escolas públicas. Esse trabalho está inserido em um projeto de pesquisa e extensão e foi construído a partir da demanda de escolas da região metropolitana de Belo Horizonte que vivenciavam diversos conflitos devido ao uso excessivo e inadequado da internet por parte dos alunos. A fim de fomentar essa discussão, extraímos desses grupos de conversação o que os adolescentes nos contam sobre os riscos e a violência vivenciada nas redes sociais.

Os encontros do grupo que vamos reportar foram realizados semanalmente com dez adolescentes com idades entre 13 e 15 anos e foram coordenados por uma psicóloga. A escolha dos participantes foi realizada pela escola e o critério utilizado foi convidar alunos que tinham se envolvido em algum episódio relacionado às redes sociais. Foram realizados 17 encontros de 60 minutos cada em horário estabelecido pela instituição de ensino.

No primeiro encontro das conversações, esclarecemos aos adolescentes que aquele era um espaço destinado para conversarmos, principalmente, sobre os usos que eles fazem das redes sociais e que eles poderiam escolher participar do grupo. Assim, caso alguém não desejasse participar, poderia se manifestar sobre isso. A escuta é ofertada e a fala aberta a todos do grupo. Todos se mostram ávidos por falar, um interrompendo o outro e demandando a atenção da moderadora e dos colegas o tempo todo.

Cada adolescente apresentava uma história de vida singular e temas como suicídio, drogas, gravidez e abuso sexual foram trazidos por eles e conversados no grupo com a mediação da coordenadora. Em alguns momentos, devido ao excesso de exposição, era necessário interromper a fala e convidar o adolescente a conversar com a moderadora particularmente. Em alguns casos, observamos uma demanda de atendimento individual e encaminhamos o adolescente para a rede de saúde e/ou de assistência social do município.

Em seus relatos sobre as experiências nas redes sociais, os jovens apontam para seus modos de gozo<sup>2</sup> e a forma como se relacionam com os pares. Nesse grupo, percebemos que alguns adolescentes apresentam condutas de risco tanto *on-line* quanto *off-line*, especialmente ao se envolverem em situações de *cyberbullying*, que muitas vezes extrapolavam as telas dos computadores e celulares.

As condutas de risco são definidas por Le Breton (2009) como “um jogo simbólico ou real com a morte, um arriscar-se, não para morrer, muito pelo contrário... atesta um enfrentamento com o mundo, cuja aposta não é morrer, mas viver mais” (p. 2). Nesse sentido, Lacadée (2011) afirma que os adolescentes têm uma relação próxima com o risco, uma vez que buscam tanto tutela, quanto autonomia, experimentando da melhor e da pior maneira o seu *status* de sujeito, testando as fronteiras entre o fora e o dentro e fazendo jogo com as proibições sociais. Assim, a internet é um novo espaço no qual o adolescente pode experimentar o risco. Para Lima (2009), “o ciberespaço configura-se como um novo espaço público, onde o jovem se sente ‘incluído’. Um espaço onde é possível encontrar os seus pares e exercitar a passagem do privado ao público, da família para o laço social mais amplo” (p. 218).

Os adolescentes nos relatam que fazem compartilhamentos no ciberespaço de forma impulsiva, expondo-se sem ponderar sobre as possíveis consequências. No grupo em questão, Lara<sup>3</sup> era a mais envolvida nessas situações. Ela conta que as brigas são seu maior interesse na internet:

o melhor das redes sociais é os barracos, as brigas. Tem de tudo, drama, comédia, barraco, chifre [...] eu gosto é de briga, eu quero ver sangue [...] eu fico incentivando briga no Facebook. Eu acho legal ficar vendo aquilo ali, não tem nada para fazer no meu dia a dia, vou ficar vendo barraco dos outros.

Os atos impulsivos têm seus efeitos sobre os sujeitos. O que é lançado no ambiente virtual afeta os sujeitos fora da virtualidade. Imagens e palavras publicadas na rede despertam emoções, tocam os corpos, desencadeiam afetos. Observamos uma interrelação entre os universos *on-line* e *off-line* de forma crescente, a ponto de praticamente não ser possível diferenciá-los.

Com seu relato, Lara revela que pode estar buscando nas redes uma solução para o tédio, típico da adolescência. Como tantos jovens de hoje, ela pode se aliar às tecnologias digitais como uma tentativa de lidar com o vazio proporcionado pelo encontro com os limites simbólicos. Trata-se de uma forma de falar das impossibilidades e desencontros, momentos em que o adolescente se vê às voltas nessa delicada transição da infância à idade adulta.

O tédio, como resposta ao vazio, poderia se relacionar à “pasmaceira” apontada por Le Breton (2009) como uma conduta de risco que parece buscar o desaparecimento do sujeito. Para esse autor, as condutas de risco não se restringem ao ato ou à “intensidade de ser” (p. 69), podendo ser expressas por essa pasmaceira que ele define como “uma forma de renúncia a si mesmo pela fadiga de uma existência que não está mais ali senão como suplemento necessário” (p. 69).

A sociedade contemporânea expõe os adolescentes a uma forma de abandono, uma vez que não lhes oferece mais os referentes simbólicos das sociedades tradicionais, obrigando-os, então, a se tornarem “artesãos do sentido de suas existências” (Lacadée, 2011, p. 55). Isso ocorre, paradoxalmente, num contexto em que existe uma grande oferta de objetos de consumo com a promessa de plena satisfação. Nesse sentido, Lima e Coelho dos Santos (2015) alertam que vivemos em uma época em que a

<sup>2</sup> Lacan utiliza esse conceito em sua obra para apontar a satisfação paradoxal da pulsão e seu caráter de excesso, relativo ao aparelhamento do corpo pela linguagem. Miller (1988) esclarece que “o gozo está além do princípio do prazer, e como tal, é impossível obtê-lo de forma plena” (p. 84).

<sup>3</sup> Os nomes aqui usados são fictícios a fim de preservar a identidade dos adolescentes.

lógica capitalista – na qual tudo é transformado em objeto de consumo – impera conectada ao advento da internet, e que os modos como os jovens utilizam e se apresentam na internet indicam os efeitos do imperativo de gozo sobre as subjetividades. Para as psicanalistas, “os jovens na internet encontram-se desamparados, sem bússola... Ficam à deriva, deslizando em um campo sem fronteiras definidas” (Lima & Coelho dos Santos, 2015, p. 280). Assim, o jovem se arrisca na rede de diversas formas: ao participar dos “barracos”; no *cyberbullying*; ao se relacionar com estranhos; ao agir como *hacker* para conseguir vantagens em jogos; ao oferecer sua nudez para ser vista na rede; entre outros modos de atuação.

As condutas de risco na internet envolvem o olhar do outro, uma busca de conexão com o outro via olhar. A visibilidade na rede torna-se fundamental para o sentimento de existir. No tempo lógico da adolescência, o jovem se depara com a inconsistência do Outro, que o relança ao desamparo estrutural. Mas, como anuncia Le Breton (2017), pelas redes sociais, a conexão com o outro permanece, pois, “marginalizados em seus celulares, os adolescentes não vão mais a lugar algum, eles ficam sempre na órbita de seus ‘amigos’” (2016, p. 19). Convocados a “mostrar tudo, não esconder nada, expor-se e colocar-se moralmente e fisicamente nu” (Le Breton, 2017, p. 21), os jovens se oferecem ao olhar ávido do outro, demonstrando um ato de confiança no parceiro, um pacto simbólico no qual a intimidade é colocada em jogo: “Ao se expor dessa maneira, o jovem experimenta o frisson da transgressão e o gozo da autoexposição” (p. 21). Entretanto, “o *cyberbullying* traduz para o jovem a perda de uma parte de si, daquela dependente do outro que é presa da zombaria” (op. cit, p. 21). O adolescente torna-se objeto de insultos. Ao buscar nas redes sociais um apoio simbólico, o jovem encontra o sarcasmo do olhar do outro, que pode levar até mesmo ao suicídio (Le Breton, 2017).

Lara nos conta como o *cyberbullying* é vivenciado por eles: “tem lista no facebook, colocam um tanto de nomes e vão colocando coisas das pessoas, falam que a pessoa é vagabunda, piranha, que fica com um, que fica com outro”. Sobre essas listas, Tânia é enfática:

se colocarem uma coisa que eu não estou fazendo, vão ficar postando foto minha na internet, eu não vou deixar baixo, eu vou na delegacia,

vou fazer um boletim de ocorrência, até bater na porta da casa da pessoa, porque eu quando me dá na telha, eu faço tudo que me dá na cabeça, tudo, até se alguém fizer uma coisa comigo e eu não gostar, dependendo, eu penso até em matar.

Para Lacadée (2011), nas condutas de risco, localizamos uma falta do gosto de viver numa tentativa inconsciente de se livrar do desgosto de si que o adolescente sente e de um ódio indizível que é experimentado como vergonha de si mesmo. Frente a essas angústias da adolescência, uma possível solução seria a do “risco para viver”: num mundo em que faltam referências simbólicas, o adolescente põe-se com seu corpo em risco para providenciar sozinho a marca simbólica do Outro. Segundo Spink (2001), ao se arriscar, esse adolescente busca também “novas sensibilidades decorrentes do imperativo de enfrentar a imponderabilidade e volatilidade dos riscos modernos” (Spink, 2001 p. 278).

Como já pontuamos, nas sociedades atuais os ritos capazes de carimbar o adolescente e abrir o acesso ao mundo adulto inexistem. Por conseguinte, o sujeito precisa forjar um rito singular que o autentique, muitas vezes sem o apoio dos pares e da cultura. Como verificamos na fala desses estudantes, a via possível para alguns é a inserção em grupos identitários em que possam ser acolhidos e ter seu modo de gozo aceito e compartilhado. No entanto, esses grupos são autoritários e não cedem lugar às diferenças, segregando os que não pertencem a seu clã, traço de uma sociedade que dá tratamento ao gozo pela segregação.

Percebemos nesse grupo que a atuação é muito frequente. Os adolescentes colocam seus corpos em perigo, ameaçam matar caso sintam-se desrespeitados. O recurso à palavra, ao diálogo, parece inexistente como via de solução para os conflitos vivenciados, como João evidencia: “eu não falo nada para ninguém, eu prefiro chorar no meu quarto sozinho. Descontar em alguma coisa, você não tem ninguém, meu quarto é todo quebrado”.

Lacadée (2000) afirma que os adolescentes apresentam uma demanda de respeito:

é a demanda real do adolescente de hoje, testemunha de preocupação de uma certa dignidade para ‘fazer bem com o pior’ [...]. Mas também do desejo por um discurso, uma escrita de se inscrever num laço ao Outro, a fim de ser reconhecido (p. 13).

Nesse sentido, Cléber nos mostra a descrença nas instituições sociais ao revelar que o revólver pode resolver um impasse: “se a pessoa for ignorante você procura a justiça, se a justiça não resolve você procura um revólver”. Assim, os adolescentes parecem viver num “salve-se quem puder”, no qual colocam suas vidas em risco.

No percurso desse trabalho, percebemos que um espaço de fala é imprescindível para os adolescentes. Ao chegarem, escoam parte de sua agressividade, diminuindo a angústia. A necessidade de falar é muitas vezes incontrolável, dificultando a moderação do grupo. Com o tempo, a moderadora pode fazer algumas intervenções que os instigam a refletir sobre sua cota de responsabilidade na queixa que trazem.

Ao longo dos encontros, percebemos que alguns adolescentes começaram a se implicar no conflito, como nesta fala: “melhor tratar as pessoas com respeito e educação, para recebermos o mesmo em troca”. A transferência estabelecida entre os adolescentes e a moderadora é a mola mestra desse trabalho e permite a vacilação dos lugares e rótulos aos quais se identificavam, apontando para possibilidade de refletirem sobre a posição de cada um naquilo que apresentam como queixa e nos conflitos vivenciados nas redes. Cléber nos fala sobre essa possibilidade e sobre as dificuldades que encontra: “mudar é muito difícil, força de vontade é muito difícil”.

Assim, a conversação é uma aposta de que cada um possa apresentar sua experiência e, na circulação da palavra, as queixas possam dar lugar a invenções, a aberturas possíveis em que cada um possa se implicar e encontrar soluções para seus conflitos. Ao mostrarmos interesse pelos celulares, pelos conteúdos que os adolescentes buscam na internet, aproximamo-nos deles e podemos auxiliá-los nessa reflexão, ao passo que compreendemos seus interesses e angústias.

### Considerações finais

Na cultura digital, os sujeitos estão constantemente conectados à internet. A internet é hoje um espaço social fundamental na vida dos adolescentes, pois “o real e o virtual entrelaçam-se no curso de suas existências, expandindo o espaço psíquico para o uni-

verso digital por eles frequentado” (Le Breton, 2017, p. 15). Espaços e palavras lançadas no espaço virtual afetam os sujeitos, tocam os seus corpos, despertando afetos. As experiências virtuais têm implicações subjetivas. Desta forma, torna-se fundamental acompanhar os usos que os adolescentes fazem do ambiente virtual.

Na adolescência, o sujeito é confrontado com o limite simbólico para abordar o real do sexo. Esse confronto com o que escapa ao sentido desperta angústia e, por meio do ato, pode aproximar o adolescente do risco. Consideramos, entretanto, que, ao se arriscar, o adolescente tenta se inscrever no mundo, já que a sociedade atual não oferece mais balizas capazes de guiá-lo para a vida adulta. Assim, cada adolescente precisa criar seu próprio rito de passagem, que o autentique, sem o apoio dos pares e da cultura, o que pode levá-lo às condutas de risco no universo *on-line*. Tendo em vista a importância da visibilidade na época atual, as redes sociais tornam-se “caixas de ressonância para o sentimento de existir” (Le Breton, 2017, p. 18). Os jovens se arriscam na rede de diversas formas: ao participarem dos “barracos”; das práticas de violência e segregação na rede, ao se relacionarem com estranhos, ao exporem a própria nudez na rede, e ao agirem como *hackers* para conseguirem vantagens em jogos.

Como verificamos através das conversações com adolescentes, a via possível para alguns é a inserção em grupos identitários que acolham seu modo de gozo. No entanto, por vezes esses grupos se mostram autoritários, não permitindo a inclusão das diferenças, estabelecendo a segregação.

As conversações nos mostraram a importância de se ofertar espaços de palavra aos adolescentes, fora do ambiente virtual, para que eles possam produzir um saber sobre as suas experiências *on-line*, pois “[...] o uso que cada adolescente faz da internet aponta para o desejo de cada um, para as suas fantasias, conflitos e, última instância, para as tentativas de elaboração de um saber possível sobre o impossível da relação sexual” (Viola et al., 2017, p. 164). O adolescente busca um Outro humanizado que, com a sua presença, autentique a sua palavra, acolhendo no laço social o que ele porta de mais singular.

### Referências

- Ambertín, M. G. (abril, 2010). Culpabilidad y sacrificio. *Revista Imago Agenda*, (138).
- Barbosa, A. F. (Coord.), (2015). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids online Brasil 2014*. São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil.

- Barbosa, A. F. (Coord.), (2016). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids online Brasil 2015*. São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil.
- Costa, A. (2003). *Tatuagens e marcas corporais*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Deluz, A. (1999). Comunicação de Ariane Deluz. In: A. Deluz, B. Gibello, J. Henrard, O. Mannoni, C. Audry, S. Baruck (Org.), *A crise de adolescência*. (P. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Dias, V. C. (2016). “*Morando na rede*”: *Novos modos de constituição da subjetividade de adolescentes nas redes sociais*. Curitiba, PR: CRV.
- Freud, S. (2014). Conferência introdutória à psicanálise 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: S. Freud, *Conferências introdutórias à psicanálise* (pp. 424-450). (S. Tellaroli, P. C. Souza, Trans., vol. 13). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In: S. Freud, *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (pp. 13-113). (P. C. Souza, Trad., vol. 15). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In: S. Freud, *O mal-estar na civilização: Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (pp. 13-123). (P. C. Souza, Trad., vol. 18). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1930).
- Goldenberg, M. (Org.). (2011). *Violencia en las escuelas*. Buenos Aires: Grama.
- Gomes, W. (2004). *Transformação da política na era da comunicação de massa*. São Paulo, SP: Paulus.
- Lacadée, P. (2000). Da norma da conversação ao detalhe da conversação. In: P. Lacadée, F. Monier (Orgs), *Le Pari de la conversation* (pp. 1- 4). Paris: Institut du Champs Freudien.
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: Ensinos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. (C. R. Guardado, V. Ribeiro, Trans.). Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicado em 1963).
- Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Le Breton, D. (2009). *Condutas de risco: Dos jogos de morte ao jogo de viver*. (L. L. Oliveira, Trad.). Campinas, SP: Autores Associados.
- Le Breton, D. (2013). *Une brève histoire de l'adolescence*. Paris: J. -C. Béhar.
- Le Breton, D. (2017) Adolescência e comunicação. In: N. L. Lima, M. Stengel, M. R. Nobre, V. C. Dias (Orgs), *Juventude e cultura digital: Diálogos interdisciplinares* (pp. 15-31). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Lévi-Strauss, C. (1996). A eficácia simbólica. In: C. Lévi-Strauss, *Antropologia estrutural* (pp. 215-236, C. S. Katz, E. Pires, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro. (Originalmente publicado em 1949).
- Lima, N. L. (2009). *A escrita virtual na adolescência: Os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Lima, N. L., Araújo, R. S., Souza, E. P., Nihari, K., Barcelos, N. S., Alves, R. G., et al. (2014). Alunos públicos: Professores privados. In: *Anais do X Colóquio internacional do LEPSI “Crianças públicas, adultos privados”*. São Paulo, SP: USP.
- Lima, N. L., & Santos, T. C. (2015). O crescimento da exposição ao real traumático na adolescência: Declínio do pudor no imaginário contemporâneo: Trauma e suas vicissitudes. *Cadernos de Psicanálise*, 31(34), 265-284.
- Lima, N., Barcelos, N., Berni, J., Casula, K., Ferreira, L., Figueredo, E., et al. (2015). Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: Ecurando os adolescentes na escola. *Estilos da Clínica*, 20(3), 421-440. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i3p421-440>
- Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2010) Balancing opportunities and risks in teenagers’ use of the internet: The role of online skills and internet self-efficacy. *New Media & Society*, 12(2): 309-329. <https://doi.org/10.1177/1461444809342697>
- Mauss, M. (2003). Ensaio sobre a dádiva. In: M. Mauss (Org.), *Sociologia e antropologia*. São Paulo, SP: Cosac Naify. (Originalmente publicado em 1925).


- Mead, M. (2001). *Coming of age in Samoa: A psychological study of primitive youth for western civilisaton*. New York, NY: Perennial Classics. (Originalmente publicado 1928).
- Miller, J.-A. (2003). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (10 de junho, 2015). Em direção à adolescência. (C. Vidigal, B. Albuquerque, Trad.). *Blog Minas com Lacan*. Recuperado de <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>
- Miranda, M. P., Vasconcelos, R. N., & Santiago, A. L. B. (2006). Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. In: *Anais do 6º Colóquio do LEPSI IP/FE-USP: Psicanálise, educação e transmissão*. São Paulo, SP: USP. Recuperado de [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci_arttext)
- Njaine, K., & Minayo, M. C. D. S. (2003). Violência na escola: Identificando pistas para a prevenção. *Interface (Botucatu)*, 7(13), 119-134. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832003000200009>
- Ponte, C., Jorge, A., Simões, J. A., & Cardoso, D. (2012). *Crianças e internet em Portugal*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Silverstone, R. (2009). *Por que estudar a mídia?* (3a ed.). São Paulo, SP: Loyola.
- Spink, M. J. (2001). Trópicos do discurso sobre risco: Risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA*, 17(6), 1277-1311. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2001000600002>
- Viola, D. T. D. (2016). *O momento-limite conceitual: Um estudo sobre as implicações sociais e subjetivas do saber na passagem adolescente* (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Viola, D. T. D., Lisita, H. G., Berni, J. T., Teixeira, L. H. C., Nobre, M. R., Lima, N. L., et al. (2017). Adolescência e saber no contexto das tecnologias digitais: Há transmissão possível? In: N. L. Lima, M. Stengel, M. R. Nobre, & V. C. Dias, (Orgs), *Juventude e Cultura Digital: Diálogos interdisciplinares* (pp. 151-168). Belo Horizonte, MG: Artesã.

---

#### Vanina Costa Dias

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), com período de Doutorado-sanduíche na FCSH da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Pesquisadora de Pós-Doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG. Mestrado em Educação pela PUC-MG. Belo Horizonte – MG. Brasil. Graduação em Psicologia pela PUC-MG. Psicóloga e Diretora no Espaço Consultórios Terapêuticos Ltda. Professora e Coordenadora do Curso de Psicologia na Faculdade Ciências da Vida/MG. Brasil. Professora titular da Fundação Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo – MG. Brasil. Pesquisadora no grupo de Pesquisa Além da Tela – Psicanálise e Cultura Digital.


E-mail: [vaninadias@gmail.com](mailto:vaninadias@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7310-1740>

#### Nadia Laguardia de Lima

Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG. Brasil. Pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ. Brasil. Doutora em Educação pela UFMG. Mestre em Educação pela UFMG.


E-mail: [nadia.laguardia@gmail.com](mailto:nadia.laguardia@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7949-0169>

#### Daniela Teixeira Dutra Viola

Pesquisadora de Pós-doutorado do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - MG). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG. Brasil. Mestre em Psicologia, especialista em Teoria Psicanalítica e psicóloga também pela UFMG.


E-mail: [daniela.dutraviola@gmail.com](mailto:daniela.dutraviola@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-0003-1141>

*Natalia Fernandes Kelles*

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG. Brasil. Especialista em Teoria Psicanalítica pela UFMG. Psicóloga da Universidade Federal de Minas Gerais.


E-mail: nataliakelles@ufmg.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7203-6107>

*Patricia da Silva Gomes*

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte – MG. Brasil. Mestre em Psicologia pela UFMG - Pós-graduada em Educação Especial Inclusiva pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte – MG. Brasil. Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia.

E-mail: pgpsicologa@gmail.com


 <https://orcid.org/0000-0002-7470-9907>

*Candida Rosa da Silva*

Faculdade de Nova Serrana – FANS/MG. Brasil

Professora e coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade de Nova Serrana (FANS), Nova Serrana – MG. Brasil. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte – MG. Brasil. Especialização em Administração e Planejamento de Projetos Sociais pela Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro – RJ. Brasil. Diretora e psicóloga da clínica Cuidar de Si - saúde integrada.

E-mail: candidapsico@bol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4649-9463>

Endereço para envio de correspondência:

Rua Euler da Silva Moreira, 85, centro – Pedro Leopoldo, MG. CEP 33.600-000

*Recebido* 30/04/2017

*Aceito* 04/05/2018

*Received* 04/30/2017

*Approved* 05/04/2018

*Recibido* 30/04/2017

*Aceptado* 04/05/2018

*Como citar:* Dias, V. C., Lima, N. L., Viola, D. T. D., Kelles, N. F., Gomes, P. S., & Silva, C. R. (2019). Adolescentes na Rede: Riscos ou ritos de passagem?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>

*How to cite:* Dias, V. C., Lima, N. L., Viola, D. T. D., Kelles, N. F., Gomes, P. S., & Silva, C. R. (2019). Teens in the Network: Risks or rites of passage?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>

*Cómo citar:* Dias, V. C., Lima, N. L., Viola, D. T. D., Kelles, N. F., Gomes, P. S., & Silva, C. R. (2019). Adolescentes en la Red: ¿Riesgos o ritos de paso?. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003179048>